
Paraná: Geopolítica imigrantista e a formação territorial

Daniele Regina Ferreira da Costa *

Yoshiya Nakagawara Ferreira **

RESUMO

Estuda-se a formação territorial paranaense do século XIX, analisando-se a geopolítica imigrantista vigente no Brasil e no Paraná. O estudo enfoca principalmente a região centro-sudeste no Paraná.

PALAVRAS-CHAVES: Geopolítica Imigrantista, Formação Territorial e Ocupação Paranaense

1. INTRODUÇÃO

O processo que envolve o povoamento de uma área, obedece a diversos fatores ocasionais ou provocados. Quando uma população se desloca para determinada área diferente de sua terra natal, ocorrem mudanças estruturais no local escolhido ou oferecido para esta população.

As migrações e/ou imigrações, raramente ocorrem espontaneamente. Elas costumam ser ocasionadas em função de vários problemas como econômicos, religiosos, políticos ou por guerras. O país ou a região que recebe os migrantes pode ou não estar preparado para receber estes novos habitantes. Podemos citar vários casos de populações que se deslocam para outras cidades ou Estados, em busca de melhores condições de vida. A população vinda de várias localidades do nordeste brasileiro, que há décadas se desloca para o centro-sul do país, principalmente para a capital paulista, é um exemplo deste fenômeno.

No início, tratava-se de mão-de-obra barata e facilmente absorvida. Nos últimos anos, tornou-se um problema social, causando inchaço populacional, aumentando o índice de desempregados e formando imensos bolsões de pobreza em cidades médias e grandes, pelas

dificuldades de absorção desses migrantes, como também pela incapacidade estrutural e conjuntural do Estado em enfrentar o problema.

Outro exemplo é o que ocorre hoje no leste europeu. As diversas etnias disputando um mesmo espaço físico, tem provocado cada vez mais conflitos, desencadeando guerras e espalhando ódio entre as etnias, ódio este que perdura por diversas gerações e reforça-se a cada novo problema. Esses refugiados emigram aos milhares para outros países, habitam determinada área e em algumas gerações podem vir a formar nações dentro destes territórios desencadeando novos conflitos étnicos e territoriais.

2. CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA IMIGRAÇÃO NO BRASIL

Os fatos acima citados, guardadas as proporções, estão também ligados com a história da imigração estrangeira no Brasil. Esta comparação tem respaldo nas idéias difundidas em fins do século passado, que pregavam o “branqueamento da raça”,¹ comprovando o quanto a questão étnica preocupava a elite pensante em fins do século passado.

* Mestranda em Geografia – Universidade Estadual de Maringá – UEM -PR.

** Professora do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: yoshiya@ldnet.com.br

A miscigenação esteve presente no Brasil desde o início de seu povoamento pelos povos ditos descobridores. As etnias que melhor representam este quadro são o português, vindo da Europa, o índio nativo e o negro escravizado procedente de diversas regiões da África, principalmente do litoral atlântico.

Com o rápido processo de extermínio dos indígenas e o constante tráfico de escravos, não é surpreendente o fato de a população negra atingir grande porcentagem da população geral. O censo demográfico de 1872 revela que a população de brancos no Brasil era de 3.787.289, enquanto a de negros era de 1.954.452 e a de pardos de 4.188.737. Portanto, a população negra e parda somava 6.143.189 habitantes, quase o dobro da população branca.

Neste momento, o tráfico de escravos já estava proibido, as campanhas abolicionistas ganhavam cada vez mais impulso, e o comércio de escravos deixava de ser atividade rendosa. Em torno disto muitos planos foram traçados. Alguns absurdos, como o de mandá-los de volta para África, e outros que, apesar de não menos absurdos ganharam força junto à elite brasileira, entre as quais o “branqueamento da raça”.²

Como resultado dos incentivos a favor do “branqueamento” aumenta o incentivo à imigração. Contudo, desta vez não foi o português a receber incentivo para a colonização, e sim outros povos brancos europeus, principalmente, italianos e alemães entre outros.

É claro que devemos considerar outros fatores que contribuíram para a imigração no Brasil, ligados geralmente à abolição da escravatura, pois, o fim da escravidão significava problemas com a mão-de-obra necessária, em abundância nas grandes lavouras que se erguiam principalmente no sudeste do país. Outra questão dizia respeito ao povoamento de grandes faixas de terras cobertas pela mata, principalmente nas fronteiras de países com população residente próxima às terras brasileiras.

Em ambos os casos o imigrante foi colocado como resposta aos problemas, pois, dependendo da política adotada e da sorte de cada grupo emigrado, resolveriam não só a questão de mão-de-obra, como também de escassez populacional.

O que não foi traçado no minucioso plano das elites brasileiras, dizia respeito ao seu principal “problema”, o negro. Tratava-se afinal de mais de 3 milhões de pessoas³.

O lógico contudo, parecia ser muito simples. Em vez de despender esforços para o incentivo à imigração européia, poderia ter havido um direcionamento desta população negra, não mais escrava, que deixava de ter seu papel junto à sociedade que se compunha na época, não só absorvendo-a como mão-de-obra remunerada, mas também incentivando seu deslocamento para terras devolutas da nação, para que lá pudessem trabalhar na terra com a qual já tinham intimidade e pudessem também estruturar essas regiões.

Apresentamos estas questões que parecem óbvias, apenas para ilustrar a gravidade dos acontecimentos no Brasil nos fins do século passado. A questão étnica mostra sua importância perante os povos. No caso da substituição do negro pelo branco, de forma implícita ou explícita, esteve sempre ligada a questão econômica.

Vindo de uma história recente de escravidão e espoliação de direitos, o negro representava perante os olhos do mundo ocidental, tudo o que se referia a subdesenvolvimento e atraso econômico. Do outro lado, estava a figura do branco europeu, com sua indústria emergente e a sonhada mecanização do campo, sem falar de sua cultura católica, considerada a única moralmente aceita.

Portanto, o negro era o problema e o branco, a solução. Mas, a questão do preconceito étnico não se baseava apenas no dualismo branco e negro, outros povos também constituíam presença indesejável em solo nacional, como nos lembra MARTINS:⁴

Entre os defensores da ocupação havia grande preconceito contra caboclos, chineses, turcos e outros com os quais, entendiam, não seria possível instituir no País uma agricultura moderna.

Apesar do preconceito étnico atingir outras etnias, o negro tinha contra si, uma importante inimiga, a ciência, pois, no século XIX se difundiu intensamente o pensamento Darwinista das idéias evolucionistas. Idéias estas que, como sempre, continham o seu lado econômico, como se constata na observação de IGLÉSIAS.

O evolucionismo concretiza mais ainda o lado brutal do liberalismo, de seu desinteresse pelo proletariado ou pelos povos que vivem em condições de dominados. O uso dos conceitos

*de luta, seleção natural, sobrevivência dos mais aptos – aplicação de princípios da Biologia à ciência social – vai criar uma ideologia de dominação, de imperialismo.*⁵

Mais que um pensamento de época, esta era uma forma de justificar a dominação brutal que os europeus impunham sobre certos povos. Pautados não apenas em especulações, mas também na ciência que pregava a existência de um povo superior a todos os outros, moldada na seleção natural, onde só os mais aptos sobreviviam, e, neste caso, consideravam-se mais, aptos os europeus, mais precisamente o homem branco europeu. Do lado oposto, desprovido, segundo todos os pensamentos da época, das qualidades do homem branco europeu, estava o negro escravizado, como se observa na expressão de AZEVEDO.

*A implicação disto é que a idéia de inferioridade dos africanos, vista até então em termos do seu paganismo e “barbarismo” cultural, começou a ser revista por sofisticadas teorias raciais, impressas com o selo prestigioso das ciências.*⁶

Era uma época de mudanças; a abolição da escravatura se aproximava, juntamente com a mudança do regime político. Era necessário garantir a mão-de-obra e povoar o país. Mas como trabalhar esta questão? Qual o imigrante que viria para ser dono de um pedaço de terra e substituir o escravo nas grandes plantações?

Apesar de muitos políticos despenderem esforços em favor dos futuros colonos, para que eles não viessem apenas para substituir o escravo, o interesse no braço do imigrante para trabalhar na lavoura, por parte do fazendeiro de café, era forte o suficiente para influenciar nas diretrizes políticas que o governo Imperial seguia.

Estudando a política de imigração no Paraná, PRESA observa que *correm assim, paralelamente, duas orientações e duas práticas imigratórias, no Império brasileiro. Uma, oficial, quando o governo cria, ainda, núcleos coloniais de estrangeiros, e, outra, particular ou estimulada pelo próprio governo, que visa à obtenção de braços assalariados para o trabalho agrícola nas grandes fazendas de café.*⁷

Toda esta movimentação em torno da imigração insere-se em um audacioso plano de

povoamento do governo juntamente com as elites brasileiras. Não se tratava apenas de povoar terras, mas de povoá-las com o tipo humano ideal aos olhos luso-brasileiros, que haveria de trazer progresso e uma tez mais alva ao povo mestiço e negro. Apesar de parecer ridículo, e até um pouco ingênuo, não o é, pois, tratou-se de uma estratégia geopolítica de povoamento. Este é o termo norteador deste estudo, a **geopolítica**.

3. IMIGRAÇÃO NO PARANÁ E GEOPOLÍTICA DE POVOAMENTO

Conforme o contexto da época, analisado no texto anterior, o governo passava a olhar uma província recém emancipada, vizinha da Argentina, e do recém combatente inimigo, Paraguai. Tratava-se do Paraná. Local de clima ameno e povoamento insignificante, com fazendas de gado e sociedade nada influente junto à corte; parecia ser o local ideal para a realização dos planos “branqueadores” da burguesia.

A província do Paraná, passa a chamar para si, a atenção dos imigrantistas. As terras férteis e ainda pouco povoadas, cobertas pela mata virgem e contempladas pelo clima ameno do sul, parecia o cenário perfeito para a instalação do europeu. SAINT-HILAIRE, também enxergava a região como ideal para a instalação de imigrantes, publicando em 1820 que:

*Dentre as regiões do Império até então por mim percorridas, não existe outra em que poderia se estabelecer com melhor resultado uma colônia de agricultores europeus; ali eles encontrariam clima temperado, ar puro, frutas de seu país e terras em que poderiam entregar-se, sem grandes esforços, a todos os gêneros de cultura a que estão acostumados.*⁸

Não havia no Paraná as grandes plantações necessitando de mão-de-obra abundante. A Lei de Terras de 1850, tornava o acesso à terra penoso para imigrante. A questão **geopolítica** em relação ao povoamento do Paraná tornou-se explícita a partir do momento em que o governo foi obrigado a tratar de forma especial o imigrante que vinha para a então província, tornando flexível a lei de 1850 e deixando claro o papel do imigrante no Paraná:

*a necessidade de pequenos proprietários produtores da lavoura de subsistência... orientou a política imigratória paranaense.*⁹

Outra questão considerada, além da origem étnica do imigrante, dizia respeito à instalação da colônia. Em primeiro lugar, estes imigrados não foram deslocados para várias regiões da província. Sua localização limitou-se aos arredores de Curitiba e campos de Guarapuava, as regiões central e sudeste do Paraná, denominadas neste trabalho de região centro-sudeste.

Os motivos eram claros. Apesar de seu povoamento insignificante, Curitiba e Paranaguá eram as Vilas com maior concentração populacional e com pouca influência política da província. Os campos de Guarapuava aproximavam-se dos países vizinhos ao Brasil, portanto, foram estes os locais a receber as primeiras colônias de imigrantes.

As colônias de imigrantes instaladas até 1853, Thereza em Ivaí, Rio Negro, na atual cidade de Rio Negro e Superaguí em Guaraqueçaba, parecem formar um triângulo distribuído espacialmente de forma estratégica, tendo como centro Curitiba.

Com o passar dos anos, multiplicaram-se as colônias, o que conseqüentemente tornou a região dinâmica economicamente, com construção de estradas de rodagem e de ferro para transporte de mercadorias, além do surgimento de um comércio emergente, e da pequena indústria de subsistência, trazida pelos imigrantes.

O resultado destes acontecimentos foi uma configuração que pode ser considerada no mínimo diferente, em relação ao restante do país. Os imigrantes diferiam muito dos caboclos e luso-brasileiros que se encontravam na província do Paraná. Eram povos com língua, costumes e tradições diferentes da população até então residente. Este contraste, que o passar dos anos provou ser menos "perigoso", do que se imaginava, agradou a alguns e desagradou a outros.

Os que se agradavam desta "revolução étnica" em solo nacional, exageravam em suas colocações, atribuindo ao Paraná a idéia de "modelo étnico" para o Brasil, como expressa MARTINS:

Assim é o Paraná. Território que, do ponto de vista sociológico, acrescentou ao Brasil uma nova civilização original, construída com

*pedaços de todas as outras. Sem escravidão, sem negro, sem portugueses, sem índio, dir-se-ia que a sua definição humana não é brasileira.*¹⁰

A resposta a estes devaneios vinha de uma parte da sociedade que também tinha sua influência na configuração política do país.

*A presença de milhares de estrangeiros em solo nacional, muitas vezes agrupados compactamente nas colônias agrícolas a eles destinadas, provocou entre a "intelligência" da assim chamada elite luso-brasileira, o surgimento de uma corrente negativista, se não hostil, face ao movimento imigratório.*¹¹

Foi neste contexto que se criou o movimento chamado paranismo. Tratava-se de uma corrente de pensamento onde luso-brasileiros cultuavam as tradições paranaenses. Para estes homens, os estrangeiros aos quais chamavam de "ádivenas", significavam uma ameaça ao poder político e a unidade nacional do Brasil. Criticavam eles, o abandono do caboclo paranaense em detrimento dos "privilégios", concedidos aos colonos europeus, criticando a imigração, ao dizerem que:

*(...) o problema de nossa subsistência nacional...substituímos pelo da imigração subvencionada de campônios europeus mais ou menos bizonhos, em troca (...) "de núcleos impermístos que nos trouxeram alguma agricultura e manufatura."*¹²

Na verdade, nenhuma das correntes alcançou o objetivo desejado. Nem se "branqueou" o Brasil, nem se impediu a imigração em massa, exceto em alguns períodos já do nosso século que não são objeto de nossa pesquisa. Obviamente, houve mudanças na configuração étnica do centro-sudeste paranaense.

Esta característica peculiar nos traços dos habitantes que ocupam grandes áreas do Paraná, em especial a região em estudo, pode ser visto claramente por qualquer pessoa que se desloque para a região, mas a comprovação mais eminente deste fato, vem com os números.

Infelizmente, há falta de maiores informações sobre o crescimento demográfico do Paraná nas primeiras décadas de sua emancipação, existindo

apenas dados que informam a população de distritos e comarcas, o que não nos permite obter uma visão de conjunto.

Entre os anos de 1853, data em que o Paraná se tornou Província, a 1889, quando o Brasil se torna república, o Paraná aumenta sua população de 62.000 habitantes para 120.000.¹³ No período de 36 anos, entraram no Paraná 13. 252¹⁴, imigrantes.

Apesar deste estudo ter eleito como recorte temporal o século XIX, utilizamos alguns dados deste século para ilustrar a influência do imigrante na população paranaense. Em 1943, o RAMALHO escreve que 35,9% da população paranaense, constituía-se de (...) *grupos étnicos europeus imigrados*¹⁵. Devido a formação do Estado do Paraná, podemos afirmar que a grande maioria desta população concentrava-se na região centro-sudeste do Estado.

Outro importante dado de influência do imigrante foi detectado por IANNI referindo-se ao decréscimo da população negra em comparação com a população branca. O autor escreve que em 1872, data em que a província começa a receber maior quantidade de imigrantes, os negros e mulatos significavam 45% da população. Em 1890, a população negra e mulata, representava 36, 2% da população.¹⁶

Em meados deste século, esta situação se acentua, pois, em 1940 o Paraná conta com uma população de 12,28% de não brancos e amarelos, decaindo este número para 11,63% em 1950, sendo que, em Curitiba, esta situação se torna mais acentuada, contando a cidade em 1950 com 1,85% de negros e 3,88% de mulatos. Esta queda da população negra e mulata segundo o autor, vai se acentuando, conforme aumenta o índice de imigrantes no Estado.¹⁷

Estes dados expostos por IANNI, nos faz concluir, que, desde o início da política de imigração no Paraná, até meados do nosso século, o Estado recebeu na sua grande maioria, grupos europeus brancos. O decréscimo da taxa da população negra e mulata em relação à branca, poderia não existir, ou ser mais ameno, caso a região centro-sudeste, tivesse recebido quantidade de migrantes de outras localidades do Brasil, onde a escravidão foi maior e mais duradoura que no Paraná.

A região centro-sudeste do Paraná poderia ter recebido maiores grupos de asiáticos, o que consequentemente mudaria a realidade

demográfica do local. Estes dados mostram o interesse no europeu entre os imigrantistas, e, também um aumento populacional, causado pela imigração, o que fazia parte dos planos de política imigratória do império e da província.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O povoamento do Paraná ocorreu recentemente, se comparado a outras regiões do Brasil, não só pelos vários empreendimentos que incentivaram a sua ocupação através de projetos de colonização, como também pelos diferentes vetores do povoamento. O país, nessa época, já contava com uma sociedade formada nas bases européias. Os representantes do império, os políticos e os grandes fazendeiros, estavam carregados das ideologias dominantes nas últimas décadas do século XIX, que, movidos tanto pela ciência, quanto por sua própria formação sócio-econômica, utilizavam de sua influência para o incentivo à imigração no país.

O povoamento da região centro-sudeste do Paraná, obedeceu ao direcionamento político das elites dominantes, criando-se dentro do plano de incentivo à imigração, uma estratégia geopolítica de ocupação das áreas despovoadas que preocupavam o Império.

Foi através deste direcionamento geopolítico que o Paraná e principalmente as áreas estudadas possui hoje uma formação peculiar em relação a outras localidades do Brasil.

NOTAS:

¹ Muitos foram os autores que usaram a expressão “branqueamento” ao se referir a imigração no Brasil, durante este período, entre os quais podemos citar, WACHOVICZ, PILATTI, WESTPHALEN, C. M. AZEVEDO, entre outros.

² As informações obtidas neste parágrafo, também podem ser vistas nas obras dos autores citados na nota 1.

³ WACHOVICZ R. C. *História do Paraná*. 6ª ed. Curitiba: Gráfica Vicentina.,1988, p. 142.

⁴ Michael M. Hall. Apud. MARTINS, José de Souza. *A imigração e a crise do Brasil agrário*. São Paulo. Pioneira, p. 175.

- ⁵ IGLÉSIAS, Francisco. Natureza e ideologia do colonialismo no século XIX. *4º Simpósio Nacional de Professores Universitários de História*. 1967, p.293
- ⁶ AZEVEDO, Celia Maria Marinho. *Onda Negra – Medo Branco. O Negro no Imaginário das elites – Século XIX*. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra. 1987, p.61-62.
- ⁷ PRESA, Iraci Girardi. *Política de imigração e colonização no Brasil durante o II reinado e sua aplicação no Paraná*. São Paulo: USP. 1975, p.357)
- ⁸ SAINT´HILAIRE, Auguste de. *Viagem a Comarca de Curitiba*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1964, p. 31-32.
- ⁹ PILATTI, Altiva B; MACHADO, Brasil Pinheiro, WESTPHALEN, Cecília Maria. *História do Paraná*. 1 vol. 2ª edição. Grafipar. Curitiba. 1969. p. 160.
- ¹⁰ MARTINS, Wilson. Brasil Diferente, p. 46. Apud. SILVA, Marcos A. da. *República em Migalhas. História Regional e local*. Ed. Marco Zero. 1990, p. 153.
- ¹¹ UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Anais do colóquio de Estudos Regionais, comemorativo do I Centenário da obra de Romário Martins. *Boletim do Departamento De História*. Nº 21. Curitiba. 1974, p. 119.
- ¹² Idem, ref. 11 , p. 121
- ¹³ WACHOVICZ R. C. *História do Paraná*. 6ª ed. Curitiba: Gráfica Vicentina.,1988, p122.
- ¹⁴ COSTA, Daniele R. F. da. *Ocupação do Paraná através das políticas imigrantistas – Região Centro-Sudeste*. Monografia apresentada ao Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina, para obtenção do título de Bacharel em Geografia. 1998, p. 72-76.
- ¹⁵ DIEGUES JÚNIOR, Manuel – *Imigração, urbanização e industrialização*. Centro Brasiliense de Pesquisas. Série VI. Vol. 5. 1964, 385 p.
- ¹⁶ IANNI, O. *Raças e classes sociais no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1972, p. 91.
- ¹⁷ Idem, ref. 15 p.91.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Celia Maria Marinho. *Onda Negra – Medo Branco. O Negro no Imaginário das elites – Século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.
- COSTA, Daniele R. F. da. *Ocupação do Paraná através das políticas imigrantistas – Região Centro-Sudeste*. Londrina, 1998. Monografia apresentada ao Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina, para obtenção do título de Bacharel em Geografia.
- DIEGUES JÚNIOR, Manuel – *Imigração, urbanização e industrialização*. Centro Brasiliense de Pesquisas. Série VI. Vol. 5. 1964.
- IANNI, O. *Raças e classes sociais no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1972.
- IGLÉSIAS, Francisco. Natureza e ideologia do colonialismo no século XIX. *4º Simpósio Nacional de Professores Universitários de História*. 1967.
- MARTINS, José de Souza. *A imigração e a crise do Brasil agrário*. São Paulo: Pioneira. 1973.
- PILATTI, Altiva B; MACHADO, Brasil Pinheiro, WESTPHALEN, Cecília Maria. *História do Paraná*. 2ª ed. Curitiba: Grafipar, 1969. V.1.
- PRESA, Iraci Girardi. *Política de imigração e colonização no Brasil durante o II reinado e sua aplicação no Paraná*. São Paulo: USP. 1975.
- SAINT´HILAIRE, Auguste de. *Viagem a Comarca de Curitiba*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1964.
- SILVA, Marcos A. da. *República em Migalhas. História Regional e local*. Ed. Marco Zero. 1990.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Anais do colóquio de Estudos Regionais, comemorativo do I Centenário da obra de Romário Martins. *Boletim do Departamento De História*. Nº 21. Curitiba. 1974.
- WACHOVICZ R. C. *História do Paraná*. 6ª ed. Curitiba: Gráfica Vicentina., 1988.